

***Tristes tropiques* de Lévi-Strauss: um diálogo intelectual e literário com Jean de Léry**

François Weigel

A bordo da frota de Pedro Álvares Cabral, em 1500, o fidalgo Pero Vaz de Caminha, numa carta escrita para o soberano Dom Manuel, relatou os primeiros passos dos portugueses no litoral da nova terra que viria a ser chamada “Brasil”. Em seu relato, destacou o primeiro encontro com os indígenas, indivíduos descritos como ingênuos e com costumes estranhos, mas bons e acolhedores.¹ Pero Vaz de Caminha é portanto o primeiro dos escritores, exploradores, viajantes e etnólogos que deu conta do encontro com os nativos do Brasil, numa experiência fascinante de confronto radical com a alteridade. Por certo, tal experiência, por vezes, teve consequências funestas, e que nos melhores dos casos talvez tenha permitido lançar um novo olhar sobre si mesmo. Do século XVI até os tempos mais recentes, constam, nesses “arqueólogos do espaço” – segundo a expressão de Claude Lévi-Strauss – muitos franceses. E o próprio Lévi-Strauss não deixa de lembrar uma hipótese, aparentemente lendária, segundo a qual marinheiros de Dieppe (cidade normanda) teriam embarcado nas terras do Brasil quatro anos antes de Cristóvão Colombo ter descoberto as Américas.

Por isso, em seu encontro com os índios Pimenta-Bueno, no Mato Grosso, Claude Lévi-Strauss tinha plena consciência de “estar prisioneiro de uma alternativa: ora viajante antigo”, confrontado com um mundo totalmente inexplorado pelos europeus, “ora viajante moderno, correndo atrás dos vestígios de uma realidade desaparecida”.² Quase todas as páginas de *Tristes Tropiques* (1955) são marcadas por esse sentimento nostálgico, com uma ponta de, digamos, “inveja”, mas também uma profunda admiração para com os grandes exploradores do século XVI. Entre eles, André Thevet e Jean de Léry, e seus testemunhos da tentativa de colonização francesa na baía de Guanabara, a chamada “França Antártica”. Se o antropólogo francês faz menção de André Thevet, é sem dúvida nenhuma Jean de Léry pelo qual ele tem uma predileção declarada. “A referência a Léry é constante, regular, subjacente”, nas palavras do historiador Frank Lestringant.³ O texto de Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, publicado em 1578,⁴ é considerado por Lévi-Strauss como um “breviário de etnólogo”, uma

¹ Pero Vaz de Caminha, *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*, Lisboa, Europa-América, 1987 (1500).

² Claude Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*, Paris, Plon, « Terre Humaine Poche », 1984 (1955), p. 43.

³ Frank Lestringant, traduzido do francês por Béatrice Perrone-Moisés, “De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss: por uma arqueologia de *Tristes trópicos*”, in *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, volume 3, n° 42, 2000, p. 45.

⁴ Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre de Brésil*, Introduction de Sophie Delpech, Paris, Plasma, « Mémoire du Nouveau Monde », 1980 (1578).

“obra-prima da literatura etnográfica”.⁵ Um texto tão importante quanto o notável capítulo “Des Cannibales”, nos *Essais* escritos por um outro ilustre conterrâneo, Montaigne.⁶

Neste artigo, propomos uma releitura de *Tristes Tropiques* a partir do diálogo estabelecido pelo antropólogo com Jean de Léry. Trata-se de um diálogo multidimensional. Em primeiro lugar, Lévi-Strauss se empenhou em afundar-se nas trilhas etnográficas avant la lettre seguidas por Jean de Léry, desta vez com uma metodologia e com bases científicas rigorosas, de maneira a oferecer uma reflexão renovada sobre as diferenças culturais e civilizacionais.⁷ Para aguçar esta reflexão e estabelecer pontes entre a época de Jean de Léry e o seu próprio tempo, Lévi-Strauss, como veremos, lançou mão do pensamento de um outro grande intelectual francês, o filósofo Jean-Jacques Rousseau, de tal maneira que sua reflexão desenha um triângulo discursivo entre Jean de Léry, Montaigne e Rousseau. Por fim e não por último, o diálogo com a obra de Jean de Léry parece induzir um desafio propriamente literário, que consiste, como veremos mais adiante, em dar vigor e interesse a um relato de viagem.

Quando o nobre Gaspard de Coligny intercedeu junto ao rei Henri II, a fim de confiar uma frota a Nicolas Durand de Villegagnon, a ideia era estabelecer uma base naval e comercial nos trópicos e servir os interesses franceses nessa nova área estratégica do planeta. Porém, a tentativa de implantação de uma colônia francesa, que se iniciou em 1555, foi logo ameaçada pelos ataques dos portugueses, e ficou abalada pelas tensões da Reforma calvinista. Villegagnon, a princípio com uma visão tolerante, pediu o reforço de mais homens. Dessa forma foi recebido um contingente de protestantes calvinistas em 1556, no forte Coligny (na ilha onde tem hoje a Escola Naval). Em pouco tempo a união entre os franceses se desfez, e os protestantes tiveram que procurar um refúgio nas praias do litoral. Enfraquecidas, as tropas francesas foram expulsas pelos portugueses em 1567.

Essas dissensões são também perceptíveis na literatura escrita após as expedições francesas. De fato, o que levou Jean de Léry a escrever sua *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, foi a vontade de empreender um combate ideológico, respondendo a André Thevet, padre católico da França Antártica, cosmógrafo do rei e autor de *Les Singularitez de la France*

⁵ Claude Lévi-Strauss, *Op. cit.*, p. 87 et 90.

⁶ Michel de Montaigne, *Les Essais*, Paris, La Pléiade, « Nrf », 2007 (1533-1592).

⁷ Para esta primeira parte, em particular quando aludiremos à obra de Jean de Léry e a detalhes históricos das expedições francesas, nos apoiaremos sobretudo nos trabalhos eruditos do historiador Frank Lestringant.

Antarctique.⁸ Além da descrição de civilizações desconhecidas, são portanto as questões religiosas da transubstanciação e da existência de Deus que interessam os autores. As palavras de Sophie Delpech são, nesse aspecto, esclarecedoras:

Ainsi l'homme tupi [peuple indien] est prétexte : *prétexte* en tant qu'il n'est qu'apparemment l'objet du récit de Jean de Léry dont l'intention fondamentale est de faire œuvre de justice, de Vérité. *Pré-texte* enfin en tant qu'il est le Monde qui précède le Texte, la Révélation, l'Histoire.⁹

Não podemos, portanto, esquecer a primeira intenção do texto de Jean de Léry. Ele se apoia no conhecimento de uma civilização diferente para interrogar-se sobre uma “Verdade” de ordem espiritual, e por via indireta lança reflexões sobre sua própria sociedade e sobre o “canibalismo” social dos países ocidentais, num contexto de disputas religiosas. Além disso, a partir da rivalidade contra Thevet, Jean de Léry esboça uma dupla tela de fundo, com contrastes e aproximações que constituem um dos elementos centrais do relato: de um lado, haveria a selvageria de uma terra virgem, povoada por índios não civilizados e ignorantes de “Revelação” divina; do outro lado, o autor aponta para a violência dos debates e conflitos armados entre protestantes e católicos na Europa, conflitos que, mimeticamente, se reproduziram do outro lado do Atlântico. Ora, essa dupla tela de fundo, por instantes, se desmancha: a selvageria dos índios não corresponde necessariamente com os preconceitos elaborados pelo europeu, enquanto que o homem civilizado se revela em muitas circunstâncias como um ser mesquinho e degradado (e nesse sentido, basta considerar o retrato que Jean de Léry faz de Villegagnon). Como o escreveu Montaigne (que por sinal leu Jean de Léry et Thevet para buscar informações sobre os indígenas do Brasil):¹⁰

Nous les pouvons donc bien appeler barbares, eu esgard aux règles de la raison, mais non pas eu esgard à nous, qui les surpassons en toutes sortes de barbarie.¹¹

⁸ Segundo Thevet, os dois homens teriam se encontrado no Brasil, mas Léry negava e pretendia que Thevet já tinha voltado para a França no momento em que ele entrou no forte de Coligny. André Thevet, *Les singularitez de la France antarctique, autrement nommée Amérique, & de plusieurs terres et isles découvertes de nostre temps*, Paris, Maisonneuve, 1878 (1557). Disponível no site Gallica : <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k411316v>. Página consultada no dia 16 de julho de 2017.

⁹ Sophie Delpech, « Introduction », in Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Paris, Plasma, « Mémoires du Nouveau Monde », 1980, p. 21.

¹⁰ “André Thevet and Jean de Léry were most probably his two main sources for ‘Des cannibales’. And it is clear that Montaigne seems to have been more sympathetic to Léry the Protestant than Léry the Catholic [...]”. Zahi Zabra Zalloua, *Montaigne and the Ethics of skepticism*, Charlottesville, Roockwood Press, 2005, p. 148.

¹¹ Montaigne, *Les Essais*, Paris, La Pléiade, « Nrf », 2007, p. 216.

Mais ou menos na mesma época e da mesma forma que Montaigne,¹² que Lévi-Strauss tampouco não deixa de citar, Jean de Léry analisa a condição selvagem e busca compreender os alicerces dessa sociedade, com o bom senso de um homem que se debruça sobre a natureza humana, e em particular sobre a questão da crueza, que os indivíduos sejam selvagens ou civilizados. Tal é a lição de humanismo desses dois escritores: destacar o teor das leis sociais e reavaliar o sentido tradicional das palavras “selvagem” ou “bárbaro”, estabelecendo paralelos entre civilizações a priori tão diferentes.

Em vários momentos do seu texto, Léry descreve os sentimentos nobres que animam os indígenas (honra, desejo de ajudar a coletividade, respeito pelo adversário), antes de sublinhar, num contraste forte, a autêntica crueza que ele observa nos costumes e nas ações de seu tempo e de sua sociedade ocidental. Eis um elemento que une fortemente Jean de Léry e Lévi-Strauss: encontramos nos dois autores uma certa desilusão no que diz respeito à humanidade do tempo em que vivem,¹³ e o próprio Lévi-Strauss sublinha esse fato na sua entrevista-prefácio à obra de Léry, na qual admite ter “a impressão de uma convivência, de um paralelismo” entre a sua própria existência e a vida do pastor protestante.

Léry partiu para o Brasil aos vinte e dois ou vinte e três anos; eu tinha vinte e seis quando parti para a mesma viagem. Léry esperou dezoito anos para escrever sua Viagem, eu esperei quinze para escrever Tristes trópicos. No intervalo, durante esses dezoito anos para Léry, quinze para mim, o que aconteceu? Para Léry, as guerras de religião, as revoltas de Lyon, o sítio de Sancerre – que viveu e acerca do qual escreveu um livro. E para mim, a Segunda Guerra Mundial, e igualmente a fuga das perseguições.¹⁴

No seu texto, Jean de Léry ilumina o contraste entre as sociedades indígenas do Brasil e as sociedades europeias pelo uso de metáforas muito visuais, imagens encarnadas, enfatizando

¹² O relato de Léry é fundamentado na sua experiência concreta no Brasil, ao passo que Montaigne provavelmente se apoiou em depoimentos diretos que ele colheu falando com marinheiros franceses e indígenas cativos no porto de Rouen em 1562, e, sobretudo, leu com atenção os textos de aventureiros europeus, assim como a *Histoire naturelle du Nouveau Monde* de Benzoni ou a *Histoire générale des Indes* de Lopez de Gomara (que Léry também tinha consultado). Além disso, a diferença fundamental entre os dois autores reside no sentimento que acompanhou a escrita de seus textos. É o que sublinha Frank Lestringant: “A despeito de todos os riscos intelectuais que ela representava, a lição de relativismo que nos oferece Montaigne em ‘Des cannibales’ não exclui a euforia, nem o entusiasmo. A lição de Léry, ao contrário, tem, como fundamento, a consciência angustiada do pecado original e de suas consequências implacáveis, e, como horizonte intransponível, o temível, embora justo, julgamento divino do último dia”. Frank Lestringant, *Jean de Léry ou l'invention du sauvage*, Paris, Honoré Champion, 2005, p. 26.

¹³ Num estudo comparativo sobre os dois viajantes franceses, o historiador Amílcar Torrão Filho destaca essa semelhança: “[...] Cada qual à sua maneira chorará o luto de uma morte: teológica para o huguenote, ou cultural para o antropólogo, bem como as exéquias de uma civilização ocidental que pouco se descompõe”. Amílcar Torrão Filho, “Melancolia e alteridade nos Tristes trópicos brasileiros: Claude Lévi-Strauss leitor de Jean de Léry”, in *História: Questões & Debates*, Curitiba, volume 65, n.1, jan./jun. 2017, p. 428.

¹⁴ Claude Lévi-Strauss, “Sur Jean de Léry”, in Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Paris, LGF, « Bibliothèque Classique », 1994, p. 7.

a violência e a crueldade dos homens, nos dois continentes... e talvez até mais na Europa. Esse tipo de imagens aparece em particular num capítulo adicional (XVbis) da *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, já escrito a partir de 1585, mas apresentado somente, de maneira autônoma, em 1599,¹⁵ e cujo título é significativo: « Des cruautés exercées par les Turcs, et autres peuples : et notamment par les Espagnols, beaucoup plus barbares que les sauvages modernes ».

Nesse capítulo, o leitor pode “ver” (e de propósito utilizamos o verbo “ver”, já que as descrições são tão visuais e expõem a violência da maneira crua) tanto uma ópera macabra encenada pelo tirano Turacan, que monta uma pirâmide de caveiras, quanto as barbaridades cometidas pelos espanhóis no Novo Mundo. Frank Lestringant, a propósito desse capítulo adicional, insiste no fato de que a escrita de Léry descreve minuciosamente os corpos, criando uma espécie de “teatro anatômico”¹⁶, no qual os infernos cruéis descritos pelo autor contrastam fortemente com a representação da simplicidade edênica dos selvagens brasileiros, despidos e ingênuos (embora Léry tente ser objetivo nas suas descrições, ele não deixa de ser um dos primeiros viajantes europeus a difundir a imagem do “bom selvagem”). Lestringant, aliás, aproxima a escrita de Léry das gravuras do católico inglês Verstegan, agrupadas no livro *Teatro das crueldades* (1587). Haveria, nos dois casos, uma certa estética barroca, com a intenção de agir sobre os sentidos, e de “mexer com o corpo e as tripas para cativar melhor a alma de um leitor considerado como espectador”.¹⁷ A crueldade das cenas é desvelada brutalmente para o leitor-espectador, forçado a reagir pela emoção e assim espontaneamente levado a interrogar-se sobre sua própria sociedade. Isso também é perceptível numa outra passagem, muito instigante, do texto de Léry, no qual a noção de crueldade é ao mesmo tempo relativizada (do lado dos índios) e questionada (do lado europeu)... A pergunta que nos dirige Jean de Léry é a seguinte: no fundo, um usuário financeiro sem nenhuma piedade não poderia ser considerado como o pior dos antropófagos?

Néanmoins, ceux qui liront ces choses si horribles, exercées journellement parmi ces nations barbares de la terre du Brésil, doivent penser aussi d'un peu près à ce qui se fait par-deçà chez nous. Je demanderai donc en premier lieu que l'on considère ce que font nos gros usuriers. Ils sucent le sang et la moelle et, par conséquent, mangent tout vivants tant de veuves, d'orphelins et autres pauvres personnes auxquelles il

¹⁵ Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Paris, L.G.F., Le Livre de Poche, « Bibliothèque classique », 1994, chapitre XVbis, p. 571-595.

¹⁶ Trata-se do título de um capítulo do livro escrito por Frank Lestringant, *Jean de Léry ou l'invention du sauvage*, Paris, Honoré Champion, 2005, p. 105 à 113.

¹⁷ *Ibid.*, p. 106.

vaudrait mieux couper la gorge tout d'un coup que de les faire ainsi languir. Ils sont donc encore plus cruels que les sauvages dont je parle.¹⁸

De maneira geral, embora a antropofagia dos índios seja condenada e denunciada pelo autor, de um ponto de vista moral, as descrições dos costumes indígenas são acompanhadas por explicações e comentários que iluminam as leis sociais desses povos, e nesse sentido a ótica de Jean de Léry não é muito distante, no plano intelectual, da que desenvolverá Lévi-Strauss. As palavras do antropólogo relativas à importância dos estudos que se debruçam sobre civilizações até então desconhecidas ecoam o texto de Jean de Léry:

Les autres sociétés ne sont peut-être pas meilleures que la nôtre ; même si nous sommes enclins à le croire, nous n'avons à notre disposition aucune méthode pour le prouver. A les mieux connaître, nous gagnons pourtant un moyen de nous détacher de la nôtre, non point que celle-ci soit absolument ou seule mauvaise, mais c'est parce que c'est la seule dont nous devons nous affranchir [...]. Nous nous mettons ainsi en mesure d'aborder la deuxième étape qui consiste, sans rien retenir d'aucune société, à les utiliser toutes pour dégager ces principes de la vie sociale qu'il nous sera possible d'appliquer à la réforme de nos propres mœurs, et non de celles de sociétés étrangères [...].¹⁹

Mas o que explica, antes de tudo, a força de convicção do texto escrito por Léry, é o método que adotou: o rigor e a atenção criteriosa de suas observações. Essa é a grande originalidade e o maior interesse dessa obra, e é por esta razão que Lévi-Strauss qualifica essa obra de “breviário do etnólogo”. Evidentemente, falta a Jean de Léry a metodologia científica da antropologia moderna. No entanto, com sua curiosidade, seu olhar humanista, atento à natureza e à alteridade, Jean de Léry nos deixou admiráveis páginas sobre a fauna e a flora brasileiras (ele repertoria os nomes de plantas, busca informações falando com os índios), assim como sobre os costumes dos indígenas (ele faz um retrato elogioso da maneira com a qual eles velam os mortos, destaca os méritos de sua vida doméstica, descreve sua alimentação), e sua linguagem (um capítulo inteiro é consagrado a uma conversa com um índio, e Léry enuncia algumas expressões locais, apoiando-se talvez, para essa parte apenas, nos estudos de seu rival Thevet). A precisão e a honestidade de Jean de Léry são evidentemente o fruto de toda uma época e de uma abertura intelectual renascentista, como o sublinha o estudioso Frank Lestringant:

¹⁸ Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Paris, L.G.F., Le Livre de Poche, « Bibliothèque classique », 1994, chapitre XVbis, p. 181.

¹⁹ Claude Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*, Op. cit., p. 470.

Son récit [celui de Léry], parce qu'il vient après celui de Thevet et le réfute, est à lire aussi comme une « méthode de l'histoire ». La préface nourrie qu'il emploie à corriger les bourdes et autres mensonges du cosmographe du Roi [Thevet] rattache son entreprise à la « nouvelle histoire » du XVI^e siècle.²⁰

Como antropólogo, o que fascinou Lévi-Strauss, na leitura desses primeiros viajantes do Novo Mundo, tal como Léry, foi, evidentemente, o encontro com o desconhecido total, o conhecimento de si mesmo através do confronto com o outro:

Je revivrais donc l'expérience des anciens voyageurs, et à travers elle, ce moment crucial de la pensée moderne où, grâce aux grandes découvertes, une humanité qui se croyait complète et parachevée reçut tout à coup, comme une contre-révélation, l'annonce qu'elle n'était pas seule, qu'elle formait une pièce d'un plus vaste ensemble, et que, pour se connaître, elle devait d'abord contempler sa méconnaissable image en ce miroir dont une parcelle oubliée par les siècles, allait, pour moi seul, lancer son premier et dernier reflet.²¹

Contudo, o tempo passou, e o que era totalmente desconhecido na época de Léry já foi alterado pela presença europeia, e mesmo afundando-se na floresta, Lévi-Strauss não é mais um dos primeiros a encontrar essa alteridade em toda sua radicalidade. « L'humanité s'installe dans la monoculture ; elle s'apprête à produire la civilisation en masse, comme la betterave ».²² Esse tom desiludido impregna tantas páginas de *Tristes tropiques*, onde as imagens das ruínas da civilização são recorrentes.²³ No entanto, Lévi-Strauss é também consciente da posição vantajosa que oferece o fato de viver no século XX, num momento em que a acumulação dos saberes lhe permite ter uma visão mais ampla e rigorosa das sociedades com as quais ele se depara:

Mais je connais trop les textes pour ne pas savoir qu'en m'enlevant un siècle, je renonce du même coup à des informations et à des curiosités propres à enrichir ma réflexion. Et voici, devant moi, le cercle infranchissable : moins les cultures humaines étaient en mesure de communiquer entre elles et donc de se corrompre par leur contact, moins aussi leurs émissaires respectifs étaient capables de percevoir la richesse et la signification de cette diversité.²⁴

Com essas palavras, Lévi-Strauss, de um lado, assinala as lacunas, devidas às circunstâncias históricas e científicas, do discurso de viajantes pioneiros como Jean de Léry; de

²⁰ Frank Lestringant, *Jean de Léry ou l'invention du sauvage*, Op. cit., p. 20.

²¹ Claude Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*, Op. cit., p. 387.

²² *Ibid.*, p. 37.

²³ Viveiros de Castro, por isso mesmo, caracteriza *Tristes Tropiques* como um “relato de um trabalho de campo malogrado”. Segundo o antropólogo brasileiro, Lévi-Strauss teria feito a constatação de um “impasse biológico, planetário, cosmológico”, tendo a certeza íntima de que a humanidade vai se extinguir. Eduardo Viveiros de Castro, “Claude Lévi-Strauss por Eduardo Viveiros de Castro” (entrevista), in *Estudos Avançados*, São Paulo, IEA, vol. 23, n° 67, setembro/dezembro 2009, p. 194.

²⁴ Claude Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*, Op. cit., p. 43.

outro, qualifica o próprio dilema que ele mesmo deve enfrentar, vale dizer, o fato de encontrar decepção e incompletude tanto na posição de um viajante antigo, quanto na posição do viajante moderno, posto que as condições da viagem já não são as mesmas, e que seria uma ilusão, ou pior, uma impostura, apresentar essas viagens de modo pitoresco e exótico.

Uma maneira de contornar esse dilema, pelo menos em parte, reside nas bases científicas de Lévi-Strauss. O estruturalismo, no qual se apoia o etnólogo, parte da ideia que um conjunto de dispositivos simbólicos são significantes; por exemplo, ao constatar uma polarização econômica entre o oeste (mais rico) e o leste (mais pobre) de quase todas as grandes cidades, Lévi-Strauss destaca a influência milenária de crenças relacionadas com uma experiência ancestral, com sentimentos e atitudes inconscientes, tanto no plano individual quanto no plano coletivo. Existiriam, portanto, invariantes estruturais que a observação das sociedades permite ressaltar. Esses invariantes atravessam civilizações muito diferentes, o que leva a uma interrogação direta sobre nossa própria civilização ocidental. Dessa forma, não deixa de surpreender o fato de que, por exemplo, os desenhos dos índios Bororos retomam os eixos de simetria e dissimetria das figuras nos jogos de baralho ocidentais.

Assinalamos, aqui, que para o intelectual jesuíta Michel de Certeau, a obra de Jean de Léry representa, igualmente, um marco, um ato de nascimento da etnografia, e a eclosão da escrita que preenche as lacunas resultantes da oralidade dos indígenas.²⁵ De certa forma, Léry e Montaigne prefiguram também o texto de Rousseau sobre os “primitivos”, no *Contrato social*, e para Lévi-Strauss eles formam um triângulo de intelectuais que plasmaram pontos cardeais, que ainda hoje devem ser seguidos. O antropólogo tenta, aliás, em *Tristes tropiques*, opor-se a algumas leituras que foram feitas desses três pensadores. Ele aponta para o fato de que o texto de Montaigne não constitui, como costuma-se pensar, um panegírico do “bom selvagem”.

De fato, depois de contar como os índios assavam a carne de seus prisioneiros, enaltecidos por ter mostrado seu valor no combate e durante o cativeiro, Montaigne não nega que haveria uma violência “bárbara” nessas práticas, mas ao mesmo tempo ele preza a naturalidade desses povos, não corrompidos pelos “artifícios” da civilização. Tal observação, como vimos, também vale para Jean de Léry. No que diz respeito a Rousseau, “tão menosprezado, mais mal conhecido do que nunca”, Lévi-Strauss despeita “a acusação ridícula que lhe atribui uma glorificação do estado de natureza”²⁶ e demonstra como sua filosofia, antes

²⁵ Michel de Certeau, *L'Écriture de l'histoire*, Gallimard, Paris, 1975, capítulo V, “Ethnographie : l’oralité ou l’espace de l’autre”, p. 215-248.

²⁶ Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, Op. cit., p. 467.

de tudo, aponta para a importância de estudar os selvagens, cujas sociedades são mais próximas de um estado primitivo desaparecido, a fim de ter uma noção mais justa e equilibrada dos tempos modernos.

Esses comentários de Lévi-Strauss sobre Rousseau são essenciais: o filósofo do século XVIII é a chave que faltava para dar corpo ao pensamento antropológico de Lévi-Strauss. Segundo a leitura que o antropólogo faz de Rousseau, este último, frente aos males inerentes à sociedade, não propôs voltar ao estado primitivo, pois estava consciente de que tal retorno seria impossível, mas incentiva os leitores a redescobrir princípios que permitiriam fundar um “contrato social”. Isto é, um contrato mais voltado para o homem, mais ponderado. No entre-lugar que se estende de Jean de Léry até a antropologia moderna, do Brasil conhecido por Villegagnon e sua tropa de franceses até o Brasil de 1938, Rousseau seria a figura que asseguraria uma transição intelectual:

Rousseau, notre maître, Rousseau, notre frère, envers qui nous avons montré tant d’ingratitude, mais à qui chaque page de ce livre aurait pu être dédiée si l’hommage n’eût pas été indigne de sa grande mémoire.²⁷

[Não é exatamente o assunto do nosso trabalho, mas, segundo uma leitura de Jacques Derrida, prologada por Silviano Santiago,²⁸ Lévi-Strauss, tanto quanto Rousseau e Jean de Léry, não escaparia à uma visão “primitivista”, opondo radicalmente o civilizado ao selvagem (que foi deturpado pela civilização), por exemplo quando ele critica duramente os efeitos perversos da escrita e do *logos* ocidental. Em todos esses escritores, o primitivismo seria marcado por um sentimento de degradação dos tempos e das culturas].

O confronto com a alteridade é um dos elementos do diálogo estabelecido por Lévi-Strauss com seu predecessor Jean de Léry, mas o diálogo é também de natureza literária e intertextual. Lembramos da famosíssima frase liminar de *Tristes tropiques*: “Odeio as viagens e os exploradores”.²⁹ Ora, esse livro ocupa uma posição particular na obra do antropólogo, já que não pretende ter as ambições científicas dos outros textos, e se apresenta como um relato

²⁷ *Ibid*, p. 467.

²⁸ Silviano Santiago, *A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. Seguido de Democratização no Brasil. 1979-1981. (Cultura versus arte)*, Brasília, Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre de Gusmão, 2005, p. 28-29. Silviano Santiago desenvolve essa parte da sua argumentação a partir da leitura do ensaio de Derrida sobre a ética de Levinas: Jacques Derrida, *L’écriture et la différence*, Paris, Seuil, 1967, p. 117-228.

²⁹ Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, Op. cit., p. 8.

mais subjetivo das expedições realizadas no Brasil e na Índia. O desafio consiste, portanto, em entretecer literatura e antropologia, em fundar o discurso antropológico dentro de um “relato de viagem”, sem o exotismo e o sensacionalismo dos exploradores modernos. Nesse aspecto também, acreditamos que Jean de Léry, com seu apurado senso crítico e ao mesmo tempo com sua prosa agradável, viva e flexível, serviu de bússola para a redação de *Tristes tropiques*.

A escrita de *Tristes tropiques* é marcada pela polifonia. A voz do protestante do século XVI, pelo qual Lévi-Strauss sente uma forma de empatia, se introduz na narrativa de *Tristes tropiques*. Além disso, como vimos, a polifonia e a intertextualidade se enriquecem de uma terceira voz, a de Rousseau, citada várias vezes no decorrer da narração. É claro: Lévi-Strauss estudou as populações indígenas com esse enfoque estruturalista ao qual aludimos, e também com um foco social e cultural, ao passo que Léry as observou com uma perspectiva religiosa. Ressalvas feitas, é nítido, no entanto, como a figura de Jean de Léry constitui, para Lévi-Strauss, uma espécie de guia que já enveredou pelas mesmas trilhas, e isso também vale no plano literário.

A voz do narrador-autor de *Tristes tropiques* por vezes se confunde com o “eu” da *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, sobrepondo as épocas com uma nostalgia comovente, uma espécie de saudade, movida por uma tentativa de recusa e de negação do tempo. Esse amalgama de vozes, sem dúvida nenhuma, é uma das riquezas literárias do relato composto por Lévi-Strauss, dando a impressão de uma viagem temporal, e não somente uma viagem no espaço:

Je foule l'Avenida Rio-Branco où s'élevaient jadis les villages tupinambas, mais j'ai dans la poche Jean de Léry, bréviaire de l'ethnologue.³⁰

É como se ter o livro de Jean de Léry no bolso permitisse voltar ao tempo das aldeias que o protestante frequentava. Como se a leitura de *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil* fosse uma maneira de escapar ao presente, e à realidade do século XX. Lévi-Strauss, aliás, reforçou essa ideia de uma viagem temporal, como sendo uma espécie de escapatória, no prefácio que escreveu para uma nova edição do texto escrito por Jean de Léry:

A leitura de Léry me ajuda a escapar de meu século, a retomar contato com o que eu chamaria de ‘sobre-realidade’, não aquela de que falam os surrealistas, mas uma

³⁰ *Ibid.*, p. 87.

realidade ainda mais real de que aquela que testemunhei. Léry viu coisas que não têm preço, porque era a primeira vez que eram vistas e porque foi há 400 anos.³¹

Em certas passagens de *Tristes trópicos*, Lévi-Strauss parece buscar desesperadamente essa possibilidade de uma volta no tempo ou inclusive de um espaço que estaria fora do tempo, intacto, através de analogias com as paisagens que formam descritas por Jean de Léry. Tal como esse trecho exemplar, onde as aspas utilizadas pelo autor enquadram uma citação do texto de Jean de Léry:

Dans ce Rio qui m'est maintenant donné en pâture, c'est la saveur de cette histoire que je cherche d'abord à discerner [...] Une vedette nous avait laissés sur une plage marécageuse où rouillait une vieille coque échouée ; sans doute ne datait-elle pas du seizième siècle ; mais elle introduisait tout de même une dimension historique dans ces espaces où rien d'autre n'illustrait le passage du temps. [...] Au-delà des crabes pullulant dans la boue noire et des palétuviers dont on ne sait jamais si l'expansion de leurs formes relève de la croissance ou du pourrissement, la forêt détachait en silhouettes ruisselantes quelques cabanes de paille qui n'appartenaient à aucun âge. [...] On m'explique que nous aurions pu atteindre en auto ce site, distant de quelques kilomètres [...]. C'eût été se rapprocher davantage encore d'un passé impuissant à transformer ce lieu mélancolique, où Léry trompa peut-être l'attente à regarder le preste mouvement d'une main brune formant, avec une spatule trempée dans un vernis noir, ces « mille petites gentilles, comme guillochis, lacs d'amour et autres drôleries » dont j'interroge aujourd'hui l'énigme au dos d'un tesson détrempe.³²

“Se aproximar de um passado” que por si só inspira muita saudade... Tal seria a linha de fundo do relato de Lévi-Strauss... Segundo Susan Silver, na passagem citada, o achado de uns pedaços de cerâmica tupi condicionaria, na escrita de *Tristes tropiques*, um “momento proustiano” que une o período de Jean de Léry ao século XX.³³ Para Silver, o encontro com a cultura tupi, no relato de Jean de Léry, e particularmente no texto de Lévi-Strauss, nutre uma reflexão sobre o tempo, o sentimento de uma perda com a irrevocabilidade do tempo, e o resgate, embora incompleto, do tempo, através da memória.

O etnólogo – é preciso insistir nesse ponto – se considera como preso de uma alternativa, dilacerado entre uma postura de viajante antigo e uma postura de viajante moderno, sendo que em ambos casos se sente derrotado e desiludido. Lévi-Strauss, ao contrário de Léry, não tem um adversário direto (um Thevet) para enfrentar, e evidentemente não coloca seu texto no plano de uma luta espiritual. Contudo, de uma certa forma ele tenta contrapor-se e demarcar-se de uma categoria de escritores que ele odeia, os “exploradores”. Esses últimos glorificam, com ornamentos e floreios, suas aventuras, agradando o gosto do público ocidental. A expansão

³¹ Claude Lévi-Strauss, “Sur Jean de Léry”, in Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Paris, LGF, « Bibliothèque Classique », 1994, p. 13.

³² Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, Op. cit., p. 91-92.

³³ Susan Silver, “Cannibalism, nudity, and nostalgia: Léry and Lévi-Strauss revisit Brazil”, in *Studies on Travel Writing*, vol. 15, n° 2, junho de 2011, p. 125.

desse tipo de relatos é um “fenômeno moral e social” (que Lévi-Strauss rejeita veementemente), além de ser uma importante atividade mercantil. Nas palavras do antropólogo:

C'est un métier, maintenant, que d'être explorateur, métier qui consiste, non pas, comme on pourrait le croire, à découvrir, au terme d'années studieuses des faits restés inconnus, mais à parcourir, un nombre élevé de kilomètres et à rassembler des projections fixes ou animées, de préférence en couleurs, grâce à quoi on remplira une salle, plusieurs jours de suite, d'une foule d'auditeurs auxquels des platitudes et des banalités sembleront miraculeusement transmutes en révélations pour la seule raison qu'au lieu de les démarquer sur place, leur auteur les aura sanctifiées par un parcours de vingt mille kilomètres.³⁴

Lévi-Strauss estima que essa ânsia por aventuras e viagens constitui uma espécie de sedativo, do qual o homem ocidental se serve para esquecer seu tédio, e para esconder o empobrecimento de sua própria cultura, assim como a de outros povos (e nesse ponto ele dá o exemplo das construções asfaltadas nas ilhas da Polinésia, ou da destruição das florestas americanas e melanésias):

Je comprends alors la passion, la folie, la duperie des récits de voyages. Ils apportent l'illusion de ce qui n'existe plus et qui devrait être encore, pour que nous échappions à l'accablante évidence que vingt mille ans d'histoire sont joués.³⁵

Denunciando os hábitos europeus e sentindo-se como um exilado no seu próprio continente, frente também à vaidade dos relatos de viagem, Lévi-Strauss empreende narrar suas explorações no Brasil, no coração do Mato Grosso, com todo o rigor do etnógrafo, mas sem deixar – eis a grande dificuldade – de escrever um relato acessível e mais íntimo, bastante distinto de um tratado de antropologia tal como *Race e histoire*, publicado dois anos antes. Como resolver essa aporia?

Talvez encontremos uma resposta nessa ideia de uma viagem proustiana no tempo... Não é à toa que o tempo é um motivo permanente do relato. Em vez de lutar contra esse sentimento nostálgico que o invade, e que o título do livro expressa por si só, Lévi-Strauss, para escapar às ilusões pitorescas e sensacionalistas das viagens modernas, para recompor os fragmentos de sua própria memória, e para dar sentido às suas expedições através de uma redescoberta, tão poética quanto científica, de experiências feitas pelos antigos viajantes, elabora um trabalho de concordância temporal, de junção de tempos. Sua viagem nos tempos presentes, portanto, é igualmente um trabalho de rememoração e de diálogo intertextual com seus predecessores. Essa

³⁴ Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, Op. cit., p. 10.

³⁵ *Ibid.*, p. 36.

reconstituição da identidade através da narração literária se torna nítida numa passagem que nos remete, de certa forma, à busca do tempo perdido de Proust.

Que s'est-il donc passé, sinon la fuite des années ? En roulant mes souvenirs dans son flux, l'oubli a fait plus que les user et les ensevelir. Le profond édifice qu'il a construit de ces fragments propose à mes pas un équilibre plus stable, un dessin plus clair à ma vue. Un ordre a été substitué à un autre. Entre ces deux falaises maintenant à distance mon regard et son objet, les années qui les ruinent ont commencé à entasser les débris. Les arêtes s'amenuisent, des pans entiers s'effondrent ; les temps et les lieux se heurtent, se juxtaposent ou s'inversent, comme les événements disloqués par les tremblements d'une écorce vieillie.³⁶

Mais uma vez aparece essa metáfora das ruínas, do desmoronamento de todo um passado. Lévi-Strauss revela aqui uma faceta romântica de sua escrita. Há na escrita de Lévi-Strauss ecos de Rousseau, por certo, com a ideia nostálgica de uma perda de inocência provocada pela civilização, mas aqui encontramos sobretudo ecos proustianos, assim como o motivo romântico da procura do “eu” íntimo, que encarnava por exemplo um escritor como Chateaubriand, aliás, citado por Lévi-Strauss:

Tel détail, infime et ancien, jaillit comme un pic, tandis que des couches entières de mon passé s'affaissent sans laisser de traces. [...] « Chaque homme, écrit Chateaubriand, porte en lui un monde composé de tout ce qu'il a vu et aimé, et où il rentre sans cesse, alors même qu'il parcourt et semble habiter un monde étranger. » [*Voyages en Italie*, Chateaubriand] Désormais, le passage est possible.³⁷

Temos aqui, ao que tudo indica, os fundamentos literários desse relato, correspondendo com uma “passagem” subjetiva nas trilhas da memória. Nessa “passagem”, é como se Lévi-Strauss reencontrasse os arqueólogos do espaço; é como se precisasse deles e de suas experiências para ter uma caminhada, tanto no sentido concreto como literário, mais apaziguada. A imagem perifrástica dos “arqueólogos do espaço” tem portanto um duplo sentido, etnológica e literária, para o qual apontou Silviano Santiago de maneira ímpar: “O etnógrafo é, em grande parte, geólogo e, ainda, *doublé* de poeta e alquimista, já que sensível a ‘correspondências’ inusitadas entre séculos e lugares”.³⁸

Inclusive, a parte de sonho não teria, afinal, completamente desaparecido. Lévi-Strauss partilha com o leitor seu desejo de explorar uma terra quase incógnita, enchendo de maneira

³⁶ *Ibid.*, p. 43.

³⁷ *Ibid.*, p. 43-44.

³⁸ Silviano Santiago, *A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. Seguido de Democratização no Brasil. 1979-1981* (*Cultura versus arte*), Brasília, Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre de Gusmão, 2005, p. 12.

concreta os brancos e vazios nos mapas, e aqui, nessa sede de aventura que destoa com a frase inicial de *Tristes tropiques*, poderíamos talvez encontrar ecos das aspirações expressas pelo narrador conradiano de *Heart of Darkness*.³⁹

A défaut des hommes, pourtant, les conditions du voyage étaient restées les mêmes [qu'au temps de Léry]. Après la désespérante chevauchée à travers le plateau, je m'offrais au charme de cette navigation sur une rivière riante dont les cartes ignorent le cours, mais dont les moindres détails rappelaient à ma mémoire le souvenir des récits qui me sont chers.⁴⁰

O espírito aventureiro dos antigos relatos de viagem é revisitado, numa referência intertextual clara aos escritos de Léry, Thevet, Staden...

Lévi-Strauss, no seu grande relato de viagens, diferente do resto de sua obra científica, se apresenta como um herdeiro do humanismo que ele encontra em Jean de Léry e que ele almeja perpetuar, incluindo também as vozes de outros pensadores, tais como Rousseau. Recuperando o olhar, tão crítico quanto fascinado, de Jean de Léry, Lévi-Strauss, além disso, renova e recicla o gênero do relato de viagem, desprendendo-se do que ele chegou a ser nos tempos que lhe são contemporâneos. Considerar *Tristes tropiques* como uma obra literária não é nenhum exagero: essa releitura do relato de viagem constitui uma rememoração mnemônica e intertextual, que se faz através de uma arte descritiva muito fina, de uma língua flexível e com uma sintaxe muito bem elaborada. O relato dessas viagens científicas se torna então uma experiência poética. “Adeus selvagens! Adeus selvagens!” é a apóstrofe final desse relato, como se Lévi-Strauss sentisse uma ponta de tristeza ao deixar o relato de viagem para voltar a estudos mais rigorosos, a abandonar o espaço fecundo e ambíguo de *Tristes tropiques*, entre ciência e literatura. O antropólogo parece estar consciente do poder inerente à literatura para desvelar o invisível, para mergulhar nas coisas mais imperceptíveis e no entanto essenciais; em definitivo, para, segundo as últimas palavras do relato,

saisir l'essence de ce que [notre espèce] fut et continue d'être, en deçà de la pensée et au-delà de la société : dans la contemplation d'un minéral plus beau que toutes nos œuvres ; dans le parfum, plus savant que nos livres, respiré au creux d'un lis ; ou

³⁹ “Acontece que em miúdo eu tinha a paixão dos mapas. Ficava horas a olhar para a América do Sul, a África ou a Austrália, e divagava por todas as glórias da exploração. Naquele tempo o mundo ainda tinha muitos espaços em branco, e sempre que eu via algum deles particularmente convidativo (mas isso todos eram) punha-lhe o dedo em cima e dizia: quando eu for crescido hei-de lá ir. [...] Estive nalguns e... olhem, o melhor é nem falar nisso. Mas no entanto havia um - o maior e mais em branco, digamos - que mais ansioso me fazia. Em boa verdade, naquela altura já não estava em branco. Desde os meus tempos de infância tinha-se enchido de rios e lagos e nomes.” *O coração das trevas*, trad. Aníbal Fernandes, Lisboa, Estampa, 1999 (1902), p. 24-25.

⁴⁰ Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, Op. cit., p. 387.

dans le clin d'œil alourdi de patience, de sérénité et de pardon réciproque, qu'une entente involontaire permet parfois d'échanger avec un chat.⁴¹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Michel de CERTEAU, *L'Écriture de l'histoire*, Paris, Gallimard, 1975

Joseph CONRAD, *O coração das trevas*, traduzido por Aníbal Fernandes, Lisboa, Estampa, 1999 (1902)

Jacques DERRIDA, *L'écriture et la différence*, Paris, Seuil, 1967

Jean de LÉRY, *Histoire d'un voyage fait en la terre de Brésil*, introdução de Sophie Delpech, Paris, Plasma, « Mémoire du Nouveau Monde », 1980 (1578)

Jean de LÉRY, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, nota introdutiva « Sur Jean de Léry » por Claude Lévi-Strauss, Paris, L.G.F., Le Livre de Poche, « Biblio classique », 1994 (1578)

Frank LESTRINGANT, traduzido do francês por Béatrice Perrone-Moisés, “De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss: por uma arqueologia de *Tristes trópicos*”, in *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, volume 3, n° 42, 2000, p. 81-103

Frank LESTRINGANT, *Jean de Léry ou l'invention du sauvage*, Paris, Honoré Champion, 2005

Claude LÉVI-STRAUSS, *Tristes Tropiques*, Paris, Plon, « Terre Humaine Poche », 1984 (1955)

Michel de MONTAIGNE, *Les Essais*, Paris, La Pléiade, « Nrf », 2007 (1533-1592)

Silviano SANTIAGO, *A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. Seguido de Democratização no Brasil. 1979-1981. (Cultura versus arte)*, Brasília, Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre de Gusmão, 2005

Susan SILVER, “Cannibalism, nudity, and nostalgia: Léry and Lévi-Strauss revisit Brazil”, in *Studies on Travel Writing*, vol. 15, n° 2, junho de 2011

André THEVET, *Les singularitez de la France antarctique, autrement nommée Amérique, & de plusieurs terres et isles découvertes de nostre temps*, Paris, Maisonneuve, 1878 (1557).

Disponível no site Gallica : <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k411316v>. Página consultada no dia 16 de julho de 2017

Amilcar TORRÃO FILHO, “Melancolia e alteridade nos Tristes trópicos brasileiros: Claude Lévi-Strauss leitor de Jean de Léry”, in *História: Questões & Debates*, Curitiba, volume 65, n.1, jan./jun. 2017, p. 413-439

⁴¹ Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, Op. cit., p. 497.

Pero VAZ DE CAMINHA, *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*, Lisboa, Europa-América, 1987 (1500)

Eduardo VIVEIROS DE CASTRO, “Claude Lévi-Strauss por Eduardo Viveiros de Castro” (entrevista), in *Estudos Avançados*, São Paulo, IEA, vol. 23, n° 67, setembro/dezembro 2009

Zahi Zanbra ZALLOUA, *Montaigne and the Ethics of skepticism*, Charlottesville, Rookwood Press, 2005